

MULTIMODALIDADE: UM ESTUDO SOBRE AS CATEGORIAS ÚTEIS PARA A ANÁLISE DE INFOGRÁFICOS¹

MULTIMODALITY: A STUDY ON USEFUL CATEGORIES FOR THE ANALYSIS OF INFOGRAPHICS

Amanda Rampelotto Löbler², Najara Ferrari Pinheiro³ e Graziela Frainer Knoll⁴

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar que categorias multimodais se mostram eficazes para a análise de infográficos. Desse modo, foi realizada uma pesquisa exploratória para conceituar elementos-chave para as discussões aqui apresentadas, abrangendo os trabalhos de: Halliday e Hasan (1989), Hodge e Kress (1988) e van Leeuwen (2005), sobre a semiótica social; Kress e van Leeuwen (2006), Dionísio (2014) e Jewitt (2009); Rabaça e Barbosa (2001) e Teixeira (2010) para conceituar os infográficos. O aporte teórico e metodológico da pesquisa é a multimodalidade conforme a Gramática do Design Visual (KRESS; van LEEUWEN, 2006), especialmente a metafunção composicional da linguagem. A análise reforça a importância das categorias de valor informacional, enquadramento e saliência no centro de organização dos infográficos, que são mensagens que necessitam ser autoexplicativas e atrativas do ponto de vista da linguagem visual.

Palavras-chave: linguagens, metafunção composicional, semiótica social.

ABSTRACT

The aim of this paper is to investigate which multimodal categories are effective for the analysis of infographics. Thus, an exploratory research was conducted to conceptualize key elements for the discussions presented here, including the works of Halliday and Hasan (1989), Hodge and Kress (1988) and van Leeuwen (2005), on social semiotics; Kress and van Leeuwen (2006), Dionysus (2014) and Jewitt (2009); Rabaça and Barbosa (2001) and Teixeira (2010) to conceptualize infographics. The theoretical and methodological support of the research is multimodality according to the Grammar of Visual Design (KRESS; van LEEUWEN, 2006), especially the compositional metafunction of language. The analysis reinforces the importance of the categories of informational value, framing and salience in the center of the organization of infographics, which are messages that need to be self-explanatory and attractive from the point of view of visual language.

Keywords: languages, compositional metafunction, social semiotics.

¹ Recorte de dissertação.

² Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens - Universidade Franciscana (UFN). E-mail: rl.amanda@hotmail.com

³ Orientadora. Docente na Universidade Franciscana (UFN). E-mail: najaraferrari@gmail.com

⁴ Coorientadora. Docente na Universidade Franciscana (UFN). E-mail: grazi.fknoll@gmail.com

INTRODUÇÃO

O uso de infográficos se prolifera em diferentes campos do conhecimento, destacando-se especialmente no campo jornalístico. No jornalismo, seja impresso ou digital, os infográficos podem ser encontrados nos mais variados meios, como no caso de revistas, jornais e blogs, ou na televisão (TV), por meio de telejornais, programas de entretenimento, programas direcionados à ciência e tecnologia, programas esportivos ou revistas eletrônicas entre outros. Ainda, é possível salientar, por conta de observações iniciais nesse campo, que os infográficos estão vinculados a matérias, notícias e reportagens com o intuito de explicar, ou melhor, de facilitar e contribuir para a compreensão das informações sobre diferentes temas por meio da conjunção de várias linguagens. Por essa razão, associa-se ao infográfico o conceito de multimodalidade, que é a presença, em um texto, de dois ou mais códigos sígnicos (KRESS; van LEEUVEN, 2006). Entre as linguagens presentes nos infográficos, podem-se destacar a verbal (escrita) e a não verbal (imagens, sons, sinais, códigos e cores).

As peculiaridades do infográfico como texto multimodal motivam este estudo, que tem como objetivo investigar que categorias multimodais se mostram eficazes para a análise de infográficos. Nesse sentido, os argumentos sobre o interesse no estudo de infográficos não se limitam apenas às linguagens verbais, mas também, e principalmente, às linguagens não verbais e à maneira como as informações são organizadas no texto, uma vez que os infográficos são compostos por diferentes recursos semióticos, resultando na síntese de informações que congregam o texto verbal e o texto não verbal. Configura-se, assim, como um texto ou um gênero textual de natureza multimodal.

A pesquisa é exploratória, a partir de fontes bibliográficas para a pesquisa das categorias de análise dos infográficos. É válido destacar que, ao estudar esse gênero textual, surge a necessidade de discutir as várias linguagens envolvidas no modo de organização da mensagem. Dessa forma, há que se evidenciar a multimodalidade, ou seja, observar as linguagens que se associam e proliferam, especialmente com as tecnologias e as mídias na vida contemporânea, as quais representam um espaço importante em que os discursos multimodais se manifestam.

CATEGORIAS MULTIMODAIS E INFOGRAFIA

Para embasar esta pesquisa, serão utilizadas concepções sobre a multimodalidade, bem como a semiótica social, perspectiva da qual se origina a multimodalidade. Da mesma forma, serão definidas as categorias de análise multimodal a partir da metafunção composicional de Kress e van Leeuwen (2006), já que a metafunção composicional se refere aos modos de organização dos textos. Para isso, serão citados os pressupostos teóricos a partir de Halliday e Hasan (1989), Hodge e Kress (1988) e van Leeuwen (2005), sobre a semiótica social; Kress e van Leeuwen (2006), Dionísio (2014) e Jewitt (2009) sobre a multimodalidade; Rabaça e Barbosa (2001) e Teixeira (2010) para conceituar os infográficos.

MULTIMODALIDADE

Para iniciar as considerações sobre a multimodalidade é necessário revisar os pressupostos de semiótica social (van LEEUWEN, 2005; KRESS; van LEEUWEN, 2006), uma vez que é ela que dá origem às discussões sobre multimodalidade. Sendo assim, são utilizados os pressupostos teóricos de Halliday e Hasan (1989), de Hodge e Kress (1988), de van Leeuwen (2005) e Kress e van Leeuwen (2006) e de discussões do Grupo de Nova Londres (*The New London Group - NLG*).

Cabe aqui destacar que, o Grupo de Nova Londres trata-se de um grupo formado por renomados pesquisadores de diferentes países que nos anos noventa deram início a discussões voltadas ao futuro da pedagogia e da alfabetização. Dessa forma, o grupo se deteve em estudar as questões dos estudos semióticos dos textos, envolvendo as diferentes maneiras de produzir, veicular e consumir tais textos (COPE; KALANTZIS, 2000, 2009).

Nesse sentido, na concepção de Halliday e Hasan (1989), a semiótica social está relacionada de forma direta com as questões de contexto social e cultural do uso da língua, assim, o contexto e o texto são aspectos pertencentes ao mesmo processo, lembrando dessa maneira que o texto está para o contexto e não há possibilidade de dissociá-los. Os pressupostos de Halliday e Hasan (1989) a respeito da língua partem da teoria da Linguística Sistemico-Funcional, a qual tem como princípio a língua como um sistema que se fundamenta nas suas funções comunicativas. A semiótica abrange as questões da língua como um grande e diversificado conjunto de signos, ou seja, leva em consideração todos os signos e suas diferentes formas de manifestações (verbais ou não verbais). O social entra nesse aspecto por se deter em explicar como a língua é usada levando em consideração o seu contexto.

Nesse sentido, Hodge e Kress (1988) definem a semiótica como:

[...] o estudo geral da semiose, isto é, dos processos da produção e reprodução, recepção e circulação dos significados em todas as suas formas, utilizadas por todos os tipos de agentes de comunicação [...]. A semiótica social focaliza a semiose humana, compreendendo-a como um fenômeno inerentemente social em suas origens, funções, contextos e efeitos [...]. Os significados sociais são construídos por meio de uma série de formas, textos e práticas semióticas de todos os períodos da história da sociedade humana (HODGE; KRESS 1988, p. 261).

Van Leeuwen (2005) complementa o conceito de semiótica social com base nos estudos de Saussure, afirmando que os signos devem ser estudados dentro de uma sociedade, levando em consideração que os signos não podem ser separados das questões sociais assim como a língua (o texto) não pode ser dissociado de seu contexto. Além disso, ainda existe o significado potencial, que é a extrapolação da realidade dita nos dicionários para que determinado significado se molde ao contexto no qual está inserido (van LEEUWEN 2005, p. 4). Sendo assim, tanto a Semiótica Social quanto a abordagem da multimodalidade apoiam-se na Gramática Sistemico-Funcional para aprimorar e fundamentar as análises dos textos.

Harrison (2003) conceitua a Semiótica Social e a Semiótica Social Visual. Para o autor, a primeira trata da interpretação dos diferentes signos em diferentes contextos, ao passo que a segunda é entendida como um campo de estudo relativamente recente que se detém em descrever os recursos semióticos utilizados para que se entenda aquilo que é dito por meio de imagens (interpretação das imagens).

Dessa forma, a multimodalidade, conforme definem Kress e van Leeuwen (2006), é o uso de diferentes recursos semióticos (imagem, cor, entonações de voz, texto verbal escrito, etc) utilizados para expressar significado. Também sobre a combinação de diferentes recursos, Dionísio (2014, p. 47-48), discute as atividades que envolvem a semiótica elencando assim três tarefas:

(i) coletar, colecionar e catalogar sistematicamente [...] os recursos semióticos; (ii) investigar como os recursos semióticos são usados em contextos institucionais, históricos, culturais específicos e como as pessoas falam sobre os recursos nestes contextos [...] e (iii) contribuir para descobrir e desenvolver novos recursos semióticos e novos usos dos recursos existentes.

Desse modo, Jewitt (2009, p. 49) afirma que a multimodalidade é uma abordagem interdisciplinar em que a comunicação e a representação envolvem mais do que a língua. Assim, a autora propõe que

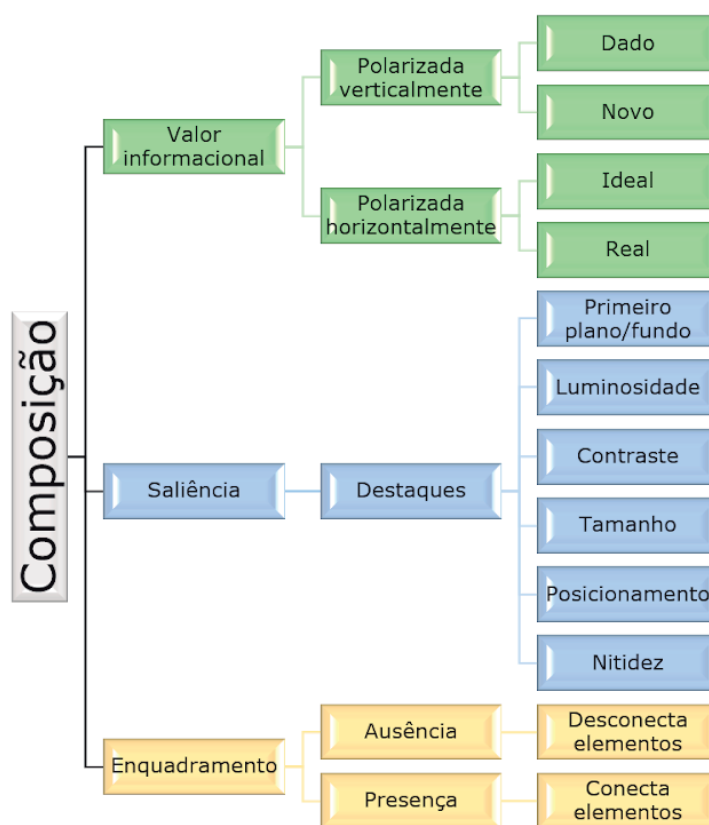
[...] a representação e a comunicação sempre se baseiam em uma multiplicidade de modos, todos contribuindo para o significado. [...] os recursos são socialmente modelados através do tempo para se tornarem geradores de sentido, os quais articulam significados (sociais, individuais/afetivos) exigidos pelos requerimentos de diversas comunidades. [...] pessoas orquestrando o sentido através de uma seleção e configuração particular de modos, enfatizando a importância da interação entre modos.

As metafunções da linguagem multimodal derivam das metafunções da linguagem da semiótica social de Halliday (1994), a saber: metafunção textual que está relacionada à criação de sentido, de relevância para o contexto; metafunção ideacional que tem por objetivo representar o mundo da experiência; e, metafunção interpessoal que significa desempenhar as relações pessoais. Na Gramática do Design Visual (GDV), essas metafunções foram nomeadas de metafunção composicional, a qual abarca o valor informacional, o enquadramento e a saliência.

CATEGORIAS DE ANÁLISE MULTIMODAL

Por derivar da semiótica social, a multimodalidade realiza uma adaptação das metafunções da linguagem, nomeando a metafunção representacional como metafunção composicional. Na figura 1, pode-se observar a metafunção composicional e as categorias propostas por Kress e van Leeuwen (2006) para a análise da imagem: valor informacional, saliência e enquadramento.

Figura 1 - Metafunção composicional de Kress e van Leeuwen (2006).



Fonte: Adaptado pelas autoras, a partir de Kress e van Leeuwen (2006, p. 210).

Essas categorias são assim definidas, conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 177):

- a) Valor informacional - está relacionado ao posicionamento de participantes e sintagmas que se relacionam, sendo esse posicionamento o produtor de valores informacionais específicos associados a diversas áreas da imagem. Nesse sentido, os autores apresentam as imagens polarizadas verticalmente que são divididas em dado (valor de elementos apresentados do lado esquerdo da imagem) e novo (valor de elementos apresentados do lado direito da imagem); e as imagens polarizadas horizontalmente que estão divididas em ideais (elementos apresentados no canto superior da imagem) e reais (elementos apresentados no canto inferior da imagem).
- b) Saliência - refere-se aos elementos que ganham destaque na imagem, aqueles elementos feitos para atrair a atenção do telespectador, assim o destaque pode se dar por meio do uso de primeiro plano ou fundo, de luminosidade, de contraste de cores, de tamanhos, de posicionamentos, de diferenças de nitidez, etc.
- c) Enquadramento - consiste nos elementos capazes de criar linhas divisórias entre os componentes de uma imagem, ou seja, a presença ou ausência de dispositivos de enquadramento conecta ou desconecta elementos de uma imagem, significando assim que eles pertencem ou não pertencem, juntos, a um sentido.

Portanto, devido às particularidades dos infográficos, citadas a seguir, essas categorias de análise servem para a realização de uma análise de infográficos baseada na metafunção composicional, que se refere aos modos de organização do texto.

INFOGRÁFICOS

No que tange à discussão sobre infográficos, é preciso ir muito além da união entre texto e imagens, é preciso definir características e possíveis tipos de infográficos, bem como a conectividade e interatividade existente entre os recursos semióticos e os elementos que organizam as informações nos infográficos. Nesse sentido, é necessário deixar de pensar que a imagem é um elemento secundário ou auxiliar e entender que a imagem exerce um papel carregado de significados, tornando-se, muitas vezes, a protagonista da informação. Nessa mesma perspectiva de imagem que exerce um papel significativo no texto, nos estudos sobre a Gramática da imagem ou Gramática Visual, Hedges, Nascimento e Marques (2013, p. 241) destacam que essa gramática “parte do pressuposto de que imagens produzem significado e podem ser entendidas enquanto textos visuais, que se organizam segundo alguns princípios e regularidades, conforme os usos que fazem delas em diferentes situações”.

Nessa relação de linguagens e significados, é importante destacar, de acordo com Halliday e Hasan (1989) o papel auxiliar e constitutivo da linguagem, sendo que esses papéis são abordados por Halliday e Hasan (1989) como pertencentes a um contexto social de uso, apresentando assim a linguagem como auxiliar e constitutiva concomitantemente dentro de um contexto. Assim, ao abordar os infográficos, lida-se com a linguagem não verbal - a imagem - em destaque, como capaz de produzir sentido e por sua vez carregada de significados dentro de um contexto de uso, ou seja, salienta-se o texto visual como protagonista quando o assunto é infográficos.

Por definição, Barbosa e Rabaça (2001, p. 388) afirmam que o infográfico é a “criação gráfica que utiliza recursos visuais, [...] conjugados a textos curtos, para apresentar informações jornalísticas de forma sucinta e atraente”. Além disso, Teixeira (2010) elenca uma série de elementos, de características que compõem os infográficos, dentre eles estão o texto, o ícone, o quadro, o fundo, a legenda, a tabela, o mapa, a ilustração, o número e a fotografia. Tendo em vista que por *info* entende-se informação e por gráfico imagem ou ilustração, pode-se dizer que, resumidamente, os infográficos são imagens explicativas de um determinado tema, no entanto podem ser entendidos como imagens significativas dentro do contexto em questão.

Nos infográficos, é possível identificar a existência de atos comunicativos que se constituem na conjunção dos elementos não verbais com os elementos verbais, estabelecendo, assim, a produção de significados, e mais, a importância da combinação das linguagens para a completude de sentidos.

Há que se observar, nos casos de pesquisas com infográficos em movimento, em vídeos, programas e afins veiculados em mídias, o recurso do *off*, a linguagem oral que juntamente com outras linguagens constituem a totalidade do texto dos infográficos. Segundo Barbosa e Rabaça (2001, p. 520), *off* é a voz por trás da imagem, aquela voz de uma pessoa que não está visível na cena apresentada.

REFLEXÕES DO USO DA PERSPECTIVA DA MULTIMODALIDADE NO ESTUDO DE INFOGRÁFICOS

Ao pensar nos infográficos como multimodais e recontextualizadores, pode-se imaginar a importância que têm quando veiculados na mídia, uma vez que exercem o papel de transpor ao público leigo saberes científicos de forma acessível. Cabe salientar que os textos multimodais estão presentes na vida cotidiana, conforme propõem Dionísio e Vasconcelos (2013, p. 13) quando afirmam que “a sociedade na qual estamos inseridos se constitui como um grande ambiente multimodal, no qual palavras, imagens, sons, cores, músicas, aromas, movimentos variados, texturas, formas diversas se combinam e estruturam um grande mosaico multissemiótico”.

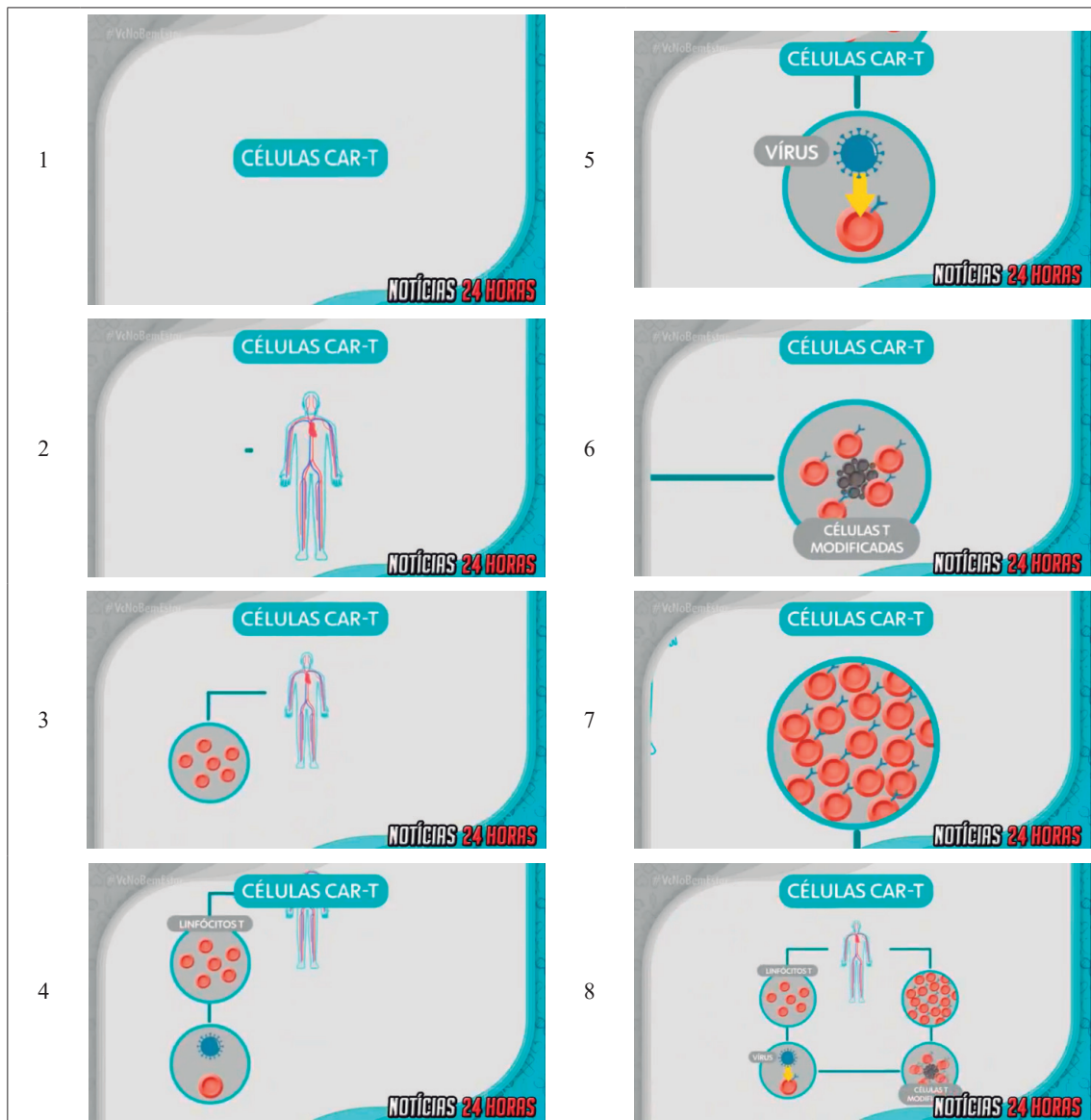
Dessa forma, o estudo de teorias multimodais que viabilizam a análise de infográficos bem como a teoria da metafunção composicional trata-se de uma introdução para pesquisas futuras em que será possível analisar a organização, a contribuição dos recursos semióticos e a validade da recontextualização efetuada pelos infográficos. Nesse sentido, as categorias de análise da metafunção composicional que estão divididas em valor informacional, saliência e enquadramento, e cada uma desempenha um papel importante para compor uma análise multimodal.

Nessa perspectiva, compreendem-se os papéis de cada um destes dados:

- Valor informacional: permite a análise da organização das informações dentro dos infográficos de acordo com sua posição (inferior, superior, direita e esquerda) na imagem;
- Saliência: possibilita visualizar e destacar nas imagens todos os elementos que se pretende chamar atenção, que se quer por em destaque no infográfico apresentado;
- Enquadramento: trata-se de um dos elementos semióticos, possível de ser analisado, que chama atenção pelo fato de ser o responsável por gerar as linhas que determinam onde os infográficos iniciam e onde eles terminam, ou seja, estão presentes em todos infográficos, conectando informações.

Tendo em vista as teorias apresentadas anteriormente e as reflexões feitas, torna-se viável apresentar aqui um exemplo de como pode ser realizada a análise em nível descritivo de um infográfico veiculado na mídia. Sendo assim, optou-se por utilizar um infográfico sobre saúde da mulher veiculado no programa televisivo Bem Estar da Rede Globo (Figura 2).

Figura 2 - Infográfico veiculado no programa Bem Estar sobre Leucemia.



Na figura 2, é possível visualizar o infográfico que compôs o programa do dia 13 de setembro de 2017, que tratou sobre Leucemia e um novo tratamento descoberto nos Estados Unidos. Nesse contexto, o infográfico apresentava como esse novo medicamento reagia no combate à Leucemia.

Também dado o contexto, o infográfico pode ser analisado dentro das categorias propostas da metafunção composicional (KRESS; van LEEUWEN, 2006) de forma em que cada um dos *frame*, na Imagem 1, enumerados de um a oito, seguindo a ordem em que as imagens foram se modificando para compor o infográfico em movimento, deve ser analisado de forma separada para mostrar cada um dos recursos semióticos utilizados na sua construção. Nesse sentido, cabe ainda ressaltar que o *frame* nada mais é que um quadro, em sua tradução literal, uma imagem saliente congelada de um determinado momento do programa (POLLAK, 2008)

Sendo assim, é apresentado um exemplo de análise utilizando um *frame* do infográfico, apresentado na figura 3, para ilustrar cada categoria da metafunção composicional.

Valor informacional, há referentes para a polarização vertical e horizontal, separando assim o *frame* em quatro quadrantes (dado/novo e real/ideal);

Figura 3 - *Frame* 8 do infográfico apresentado na figura anterior.



Fonte: sinalização feita pelas autoras.

Saliência, que se refere aos destaques presentes na imagem, como títulos e subtítulos, em posição superior e destacados também pelo enquadramento (molduras);

Enquadramento, que está presente para conectar as informações (Figura 4).

Figura 4 - *Frame* 1 do infográfico apresentado na Imagem 1.



Fonte: sinalização feita pelas autoras.

Realizada essa descrição com base na Gramática do Design Visual, a reflexão permite afirmar que o modo de organização desse gênero de texto requer o uso de categorias multimodais referentes à metafunção composicional (KRESS; van LEEUWEN, 2006). Nesse sentido, cabe também destacar que a elaboração dos infográficos é multimodal na sua composição, uma vez que, como proposto por Kress e van Leuwen (2006), necessita de um aporte teórico que abarque os diferentes recursos semióticos (imagem, cor, texto verbal, texto não verbal, etc) utilizados para expressar sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teórico das categorias da multimodalidade a partir de uma perspectiva exploratória foi necessário como uma etapa inicial de uma pesquisa mais ampla de mestrado em andamento. O exemplar demonstrado na análise não teve pretensão de abranger todas as possibilidades de significação

presentes em infográficos, mas buscou, a partir da descrição de categorias da metafunção composicional, exemplificar como as particularidades desse gênero de texto podem ser evidenciadas com o uso dessa metafunção da linguagem multimodal.

A análise multimodal apresenta recursos que servem para descrever as imagens e o seu modo de funcionamento em conjunto com os textos verbais presentes no infográfico e, além disso, o próprio contexto é uma categoria útil de análise, pois possibilita a compreensão da forma como os infográficos são produzidos, utilizados e compreendidos. Dentre as categorias propostas na *Gramática do Design Visual* de Kress e van Leeuwen (2006), foram principalmente úteis até o momento as categorias relacionadas à metafunção composicional da linguagem: valor da informação, enquadramento e saliência.

Ressalta-se também a função desse gênero textual, que acaba moldando seu modo de organização e funcionamento. Como criação gráfica, o infográfico serve à síntese de informações com caráter demonstrativo ou explicativo. Nesse sentido, mostra-se particularmente próprio para simplificar ou demonstrar tópicos de forma clara e, às vezes, autoexplicativa, o que se reflete nos modos de organização da mensagem.

REFERÊNCIAS

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, Nanyang Walk, v. 4, n. 3, 2009.

DIONÍSIO, A.; VASCONCELOS, L. J. de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 19-42.

DIONÍSIO, A. P. **Multimodalidades e leituras**: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa Comunicações, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. New York: Oxford Press, 1989.

HARRISON, C. Visual Social Semiotics: understanding how still images make meaning. **Technical Communication**, v. 50, n. 1, fev. 2003.

HENDGES, G. R.; NASCIMENTO, R. G.; MARQUES, P. M. A gramática da imagem como ferramenta na análise crítica de gêneros midiáticos. *In*: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. **Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística**. Florianópolis: Insular, 2013.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. London: Polity Press, 1988.

JEWITT, C. **The routledge handbook of multimodal analysis**. London: Routledge, 2009.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006.

POLLAK, A. Analyzing TV documentaries. *In*: POLLAK, A.; WODAK, R.; KRZYZANOWSKI, M. **Qualitative discourse analysis in the social sciences**. Palgrave Macmillan: New York, NY, 2008.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

TEIXEIRA, T. **Infografia e Jornalismo: conceitos, análises e perspectivas**. Salvador: UFBA, 2010.

Van LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005.

